



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

De Capitães da areia, de Jorge Amado, a banda de música Exu do Blues: Arte e revolução, Rap e Literatura

Felipe da Silva Vitorio¹; Adeitalo Manoel Pinho²

1. Felipe da Silva Vitorio, PROBIC/UEFS, LETRAS-LINGUA PORTUGUESA, e-mail: felipesilvavitorio576@gmail.com

2. Adeitalo Manoel Pinho, DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES, e-mail: ampinho@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Estigma; Nordeste; RAP; Jorge Amado; Literatura.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar como diferentes cantores do cenário do RAP nordestino reagem às atribuições preconceituosas que permeiam o cenário musical brasileiro. Estigmatizações que são disseminadas pelo simples fato de os cantores serem nordestinos. Por serem fora do eixo Sudestino. A escolha pelo gênero RAP se dá por toda uma narrativa de inclusão que cerca o cenário do HIP HOP, porém, o discurso se mostra hipócrita a partir do momento em que certas regiões são removidas da cena do RAP nacional sem um motivo aparente. Segundo o sociólogo Erving Goffman (1980, p.6), estigmas são marcas preconceituosas atribuídas a determinados grupos. Portanto, a característica que causa o estigma não é motivo de vergonha, mas sim as atribuições dadas à essas características. Um, dos muitos tipos de estigmas trabalhados por Goffman, é o estigma tribal; descrédito dado aos indivíduos pertencentes à determinada região historicamente estigmatizada.

Levando em conta a definição de estigma por parte do sociólogo Erving Goffman, é possível identificar e analisar determinados comportamentos sociais e relacioná-los com o conceito. O presente trabalho buscará encontrar esses estigmas atribuídos a cantores nordestinos de RAP. O maior interesse em restringir a pesquisa ao cenário de RAP é o seu discurso hipócrita de inclusão. A narrativa contraditória está no seguinte fato: o RAP, originalmente, é feito de minorias para minorias, por qual motivo um cenário artístico tão diverso deixaria de lado determinada região? Os cantores que serão estudados são da região Nordeste do mapa. São eles: Baco Exu do Blues (BA); Vandal (BA); Don L (CE); Rappadura (CE). Alguns questionamentos acerca de suas escritas serão debatidos durante toda pesquisa; essas atribuições estigmatizantes e cerceamentos de discurso influenciaram a escrita de suas obras? Qual o cenário contemporâneo do RAP brasileiro? O descontentamento com o isolamento artístico estão presentes nas suas letras? Portanto, o trabalho relacionará a teoria do sociólogo Goffman com o cenário contemporâneo do RAP brasileiro, apontando atribuições estigmatizantes e classificando-as por meio de análise poética de músicas compostas pelos cantores citados.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente) Trata-se de uma pesquisa de natureza quantitativa, de caráter bibliográfico, que tem como base estudos no campo da literatura, articulando-os com reflexões acerca da música contemporânea, em especial o RAP. O trabalho busca compreender como o gênero musical, enquanto forma

de expressão artística e social, dialoga com elementos da tradição literária e com questões identitárias, sobretudo no que se refere à identidade afro-brasileira. Dessa forma, procura-se evidenciar as relações entre literatura e música como instâncias de produção cultural que, ao mesmo tempo, refletem e constroem narrativas de resistência, pertencimento e afirmação cultural no Brasil.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A intenção de analisar as obras musicais dos artistas citados, Don L, Vandal e Baco Exu do Blues, é muito mais para sondar como a insatisfação por conta de atribuições estigmatizantes refletem nas suas músicas. De acordo com Goffman, essa depreciação frequente influencia diretamente o tabuleiro social:

“Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus.” (Goffman, 1980, p.7)

Portanto, é natural esse nítido descontentamento presente nas músicas que serão analisadas, afinal, os artistas nordestinos produzem diversas faixas musicais que são silenciadas, fazendo com que os cantores não ganhem notoriedade nacional. Esse silenciamento influencia na produção artística desses cantores violentados. A arte se torna uma maneira de resistir e denunciar as opressões.

O cantor Don L é natural de Brasília, entretanto, ainda criança parte para morar em fortaleza. O artista pertence ao movimento “pré-sulicídio”. Um dos pioneiros nessa nova onda de RAP nordestino/nacional. É importante frisar que o termo nordestino não é um reducionismo regionalista, mas sim um sinal de origem artística cultural que alçou Don L ao patamar de referência no cenário de HIP-HOP brasileiro. O grande questionamento é o porquê o grande público não tem um acesso tão farto às suas obras como outros artistas do eixo Rio/São Paulo. O artista Don L lança um álbum nomeado de “Roteiro para Aïnouz”, uma referência ao diretor Cearense Karim Aïnouz. Ele utiliza de sua saída do Nordeste como inspiração artística, não deixando de lado suas raízes e ainda criticando o sistema hegemônico instaurado.

O cantor Vandal é um artista Baiano. Diferenciando-se de outros artistas da região, Vandal não sai de Salvador. O cantor adota uma atitude crítica justamente a quem faz esse movimento de viagem ao eixo Rio/São Paulo sem refletir sobre sua origem identitária. Além disso, é possível enxergar a relação de opressor e oprimido, na parte em que a polícia é citada como elemento novo dentro do RAP. Porém, o artista Baiano destaca a existência de cantores que se comprometem com o movimento HIP-HOP: “[...]tem uns pretos verdadeiro, umas preta verdadeira, mas só os cheio de falha eles abraça[...].” (Vandal, 2024).

Baco Exu do Blues (1996) é o nome mais conhecido da lista. Um dos autores da música que deu nome ao movimento sulicídio. O lançamento da faixa foi o estopim para uma série de questionamentos acerca do cenário artístico nacional. Inicialmente, com o lançamento da faixa “sulicídio”, o artista adota uma postura ácida e crítica diante das atribuições estigmatizantes, sugerindo uma divisão entre Nordeste/Sudeste. A inversão de papéis, a região Nordeste criaria uma rede cultural autossuficiente. Essa postura radical de revolta faz com que o público olhe para o Rapper. Mesmo tecendo críticas que abrangem também o público consumidor de RAP, o cantor consegue ganhar cartaz e notoriedade.

Após ganhar notabilidade, Baco Exu do Blues utiliza da sua voz para apresentar um lado artístico que estava oprimido. Nas suas obras pós-sulicídio, é possível reparar uma perspectiva menos radical em suas músicas, porém, continua com as críticas. Nesse estágio de sua carreira, o cantor apresenta uma “nova Salvador” ao grande público. É possível enxergar essa nova abordagem musical na sua canção intitulada “Capitães de areia”:

Somos homens e mulheres livres
Somos homens e mulheres livres
Somos homens e mulheres livres [...] (Baco Exu do Blues, 2017)

Diante de um cenário conturbado, o artista lança uma música que faz referência ao romance do autor baiano Jorge Amado (1912-2001). Logo na primeira estrofe, a música traz um desejo de liberdade para uma expressão artística livre, sem mordanças ou estigmas.

[...]Carrego comigo coragem, dinheiro e bala
Palavras de Pedro Bala
Palavras de Pedro Bala
Carrego comigo coragem, dinheiro e bala
Palavras de Pedro Bala [...] (Baco Exu do Blues, 2017)

O trecho acima faz referência ao líder dos capitães da areia, personagem Pedro Bala. Pedro Bala, assim como todos os membros do grupo, sofrem atribuições estigmatizantes durante toda trama. Baco tenta apresentar uma Salvador diferente, não a Salvador apenas das praias, acarajé etc, mas uma Salvador com particularidades, Salvador com camadas, Salvador dos trapiches esquecidos/ignorados. O fragmento “carrego comigo coragem, dinheiro e bala” é uma menção à música do também nordestino Chico Science: “banditismo por uma questão de classe”. A música referenciada direciona uma crítica aos jornais sensacionalistas da época e questiona o motivo dessa adesão ao mundo criminal, assim como o romance de Jorge Amado também fez essa crítica no ano de 1937. Relacionando com a teoria de Goffman, o tipo de estigma visto na música e no romance é o estigma de culpas do caráter individual. É muito interessante a forma como o canto Baco Exu do Blues consegue apresentar obras tão variadas em uma única faixa.

Além da evidente relação entre a teoria de Goffman e os preconceitos sofridos pelos cantores nordestinos, durante a pesquisa, também foi possível relacionar o silenciamento dos artistas com os processos de interdições do discurso debatido por Michel Foucault no seu livro ‘A ordem do discurso’ (1971). Segundo o filósofo, existe uma segregação entre discursos considerados verdadeiros, honráveis: discursos que merecem a atenção e proliferação:

[...] Separação historicamente constituída, com certeza. Porque, ainda nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro - no sentido forte e valorizado do termo -, } o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido [...] (Foucault, 1971, p. 14 – 15)

De acordo com Michel Foucault, existe uma relação direta entre quem foi o autor de uma obra artística com a recepção da sua arte:

na ordem do discurso literário, e a partir da mesma época, a função do autor não cessou de se reforçar: todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato de menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente [...]O

autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (Foucault, 1971, p. 27 – 28)

Portanto, neste trabalho, foi possível relacionar os estigmas sofridos pelos artistas nordestinos com a credibilidade que os mesmos recebem por parte do público/valorização por parte de produtoras musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Diante do exposto, foi possível perceber como a teoria de Goffman sobre o estigma se conecta diretamente às experiências de cantores nordestinos de RAP, que além de enfrentarem preconceitos ligados ao caráter individual, também lidam com o estigma tribal relacionado à sua região e identidade cultural. Esses estigmas resultam em silenciamentos e processos de interdição discursiva, conforme analisado também a partir de Foucault, revelando como certos discursos são marginalizados em detrimento de outros considerados mais legítimos. A análise das obras de artistas como Baco Exu do Blues demonstra que o RAP nordestino não só resiste a essas tentativas de apagamento, como também cria novas formas de expressão e reinterpretação da realidade social. Portanto, o presente trabalho evidenciou que o estigma não se restringe ao corpo ou ao indivíduo, mas se manifesta nas práticas sociais, na recepção artística e na própria dinâmica cultural brasileira, onde a marginalização do Nordeste ainda aparece como barreira simbólica a ser superada. Até mesmo autores renomados como Jorge Amado sofrem com o estigma tribal, sua relevância nacional/internacional é reduzida e enquadrada em escrita regional, mostrando que a dinâmica cultural brasileira é cunhada em atribuições estigmatizantes e limitadoras.

REFERÊNCIAS

ARACNÍDEO. Intérprete: Russo Passapusso; Sabotage; Tejo Damasceno; Vandal. Compositor: Russo Passapusso; Sabotage; Tejo Damasceno; Vandal. In: SABOTAGE 50. Intérprete: Sabotage. São Paulo : Som Livre , 2024. Disponível em: <https://youtu.be/htD8Fwx0Fzk?si=GJom-UT6MR3vNuvG>. Acesso em: 16 mar. 2025.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAPITÃES de areia. Intérprete: baco exu do blues. In: ESÚ. Intérprete: Baco Exu do Blues. [S. l.]: Sony Music Brasil, 2017. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7GqexpRMnOdlQGUKpJvCFI?si=3e326ca528874577>. Acesso em: 13 mar. 2025.

FAZIA Sentido. Intérprete: Don L; Deryck Cabrera; Terra Preta. In: ROTEIRO Pra Aïnouz. Intérprete: Don L. Brasília : Caro Vapor Vidas, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/aGBeBHo7A8g?si=wX-SCz1dS9oCIuPI>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GOFFMAN, Erving. Estigma: **Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 378 p. ISBN 85-286-0342-3. COUTINHO, Afrânio ; COUTINHO, Eduardo F.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.